

Qual o papel da Internet na promoção da (in)existência de laços entre os investigadores da comunidade lusófona?

Lídia J. Oliveira L. Silva¹

1. A comunidade Científica Lusófona – diversidade e unidade

A comunidade científica lusófona tem um património cultural que advém do facto de ser uma comunidade linguística, a qual exerce o papel de plataforma identitária facilitadora da geração de redes de cooperação, investigação e desenvolvimento. A partilha do lastro linguístico, com toda a diversidade e riqueza vivida denota a existência de uma identidade plástica, em que a memória é um património e uma semente.

A Internet e as navegações virtuais criam a possibilidade de traçar caminhos e gerar sítios com potencial para reinventar a identidade, promover a cooperação usufruindo das diferenças como riqueza. Tal como Wolton (2004) sublinha o problema actual da Internet e da comunicação de cariz global não é um problema técnico, esse está ultrapassado, mas sim um problema cultural.

“O mundo transformou-se numa aldeia global no plano técnico, mas não no plano social, cultural e político. (...) Pensar as condições da globalização da informação e da comunicação de modo a que não se torne uma espécie de bomba-relógio.” (Wolton, 2004:9-10)

Estamos face ao desafio da coabitação cultural. Esse é também um desafio no seio da lusofonia. Mas, o primeiro passo será o de dar maior visibilidade a esta comunidade no sistema mundial de comunicação e promover o heteroconhecimento dos cidadãos lusófonos.

“Na condição de ex-colônias de Portugal, os sete países de língua oficial comum pouco se conhecem, a não ser a referência sobre mitos e estereótipos difundidos nos meios de comunicação, estilo idêntico propaga-

do na escola, onde se confundem os relatos dos fatos que fizeram a história dos povos com os interesses daqueles que conduzem os destinos das nações; Se, em nossa escola, a referência sobre o Outro enfatiza o período colonial, nos outros membros da comunidade a tônica sobre o Brasil não passa dos limites das grandes navegações.” (Vitorino, 2003:15)

O hibridismo (biológico, de costumes alimentares, de valores, etc.) esteve presente no processo que levou à geração da ideia de lusofonia, este hibridismo foi promovido pelo corpo, pela presença física no lugar, mergulho no espaço societal físico. E agora? Teremos um mergulho no *noos*-espaço, na esfera das ideias. Ou, tão simplesmente essa esfera, esse território, continua por materializar, existindo, na melhor das hipóteses arquipélagos (de ideias, de encontro).

Os serviços de comunicação disponibilizados pela Internet têm o potencial de gerar ciber-mestiçagem (sócio-cultural, interpessoal) e promover o heteroconhecimento das comunidades científicas dos vários países de expressão lusófona mas, também, das comunidades lusas espalhadas pelo mundo.

Assim o desafio é a passagem da ausência, invisibilidade, desconhecimento mútuo, ao arquipélago e, deste, ao “continente lusófono”.

Os descobrimentos e a instalação de portugueses, homens, nas terras apropriadas com o intuito de fixar população, conduziu à formação de populações híbridas, de que o Brasil é o exemplo mais marcante. O processo de miscigenação, não só biológica mas, também, sócio-cultural, que originou os mamelucos² iniciou um processo que se poderá considerar a base da génese da globalização. No processo que se caracteriza pelo encontro de elementos de diferentes

proveniências e culturas que se fundem e confundem, mas em que quase sempre existe a dominância de um dos elementos. O desafio é fazer com que esse encontro se torne em práticas de convivência multicultural, enraizadas no respeito pela alteridade. Para que isso seja possível é necessário a existência de um espaço de conhecimento mútuo. O conhecimento é o melhor meio para refazer as memórias, de modo a curar as feridas e os ressentimentos e, também, os preconceitos que se foram mantendo ao longo dos anos entre os povos de língua portuguesa. Trata-se de não esbanjar o legado histórico e sócio-cultural como esbanjámos os bens materiais.

“Tal como fomos perdulários com as especiarias da Índia e com o ouro do Brasil parece que ainda não percebemos as enormes potencialidades de mediação cultural do património que continuamos a esconder e a esquecer de que somos depositários porque as vicissitudes da história o atirou para as nossas mãos.” (Areia, 2000:65-64).

Existe um traço de união que não tem sido devidamente valorizado como elemento estruturante de um espaço supranacional, o espaço lusófono. Existe a necessidade e o desafio de, sem ressentimento colonialista ou neo-colonialista, olhar para a riqueza que uma língua é em si mesma e fazer um esforço de elevação da auto-estima, para que se possa reconhecer que a existência desse património comum é um bem precioso para aproximar deixando lugar à diversidade. Num mundo em que a globalização é um processo incontornável é necessário perspectivar modos de modelar esse processo em favor das identidades. Neste caso, a potencial identidade lusófona tem duplamente a ganhar, porque por um lado, tem oportunidade de se unir de modo a ter uma presença mundial significativa, por outro tem oportunidade de (re)conhecer a sua própria diversidade intrínseca. É assim, um processo em duas mãos.

O uso da língua portuguesa no ciberespaço, povoado massivamente por conteúdos de língua inglesa, poderá ser encarado de dois modos: como forma de

resistência e como modo de aumentar o prestígio internacional (Mourão, 2000:95).

«A língua tem o papel de liame, aproximando culturas, algumas de natureza tridimensional, como é o caso da cultura brasileira, e dando substantividade a espaços localizados em três continentes, para não falar de presenças históricas.» (Mourão, 2000:100-101)

A criação de acervos de informação em português, no ciberespaço, será um contributo para nivelar o acesso ao conhecimento pelas diversas comunidades de língua portuguesa, bem como pelas comunidades de emigrantes. Assim, se poderá, em parte colmatar o deficit de meios existente em alguns países, promovendo uma educação e formação mais sólidas e aprofundadas e criando condições intelectuais e de intercomunicação entre pares, de modo a desenvolver/promover a formação de equipas de investigação transnacionais. Assim, se contribuirá para criar condições para que o intercâmbio científico entre os países lusofalantes seja incrementado.

«O português é hoje a sétima língua mais falada no mundo – o francês ocupa a oitava posição – e a terceira língua mais falada no Ocidente, além de ser a língua oficial de várias organizações internacionais. Cabe aos países lusofalantes empreender esforços para que a língua portuguesa seja adotada como língua de trabalho nas organizações internacionais, papel que a criação de uma Comunidade de Países de Língua Portuguesa poderá reforçar.» (Mourão, 2000:100)

«Diante de um mundo onde se registram fortes tendências à supranacionalidade, o uso do português, em diferentes regiões do planeta, surge como um elemento unificador das posições da cada Estado lusofalante nas suas inserções, não excludentes, em outros espaços regionais.» (Mourão, 2000:103).

A língua é o ingrediente base potenciador de identidade, cultura e comunicação – os três elementos estruturantes da condição de futuro no mundo globalizado.

«Pensar a coabitação cultural é construir o terceiro pilar da globalização. (...) É preciso pensar o estatuto da política no momento da globalização, levando em conta a emergência do triângulo explosivo, constituído pelas relações entre identidade, cultura e comunicação. (...) O desafio cultural é o horizonte da globalização.» (Wolton, 2004:179)

O desafio será então promover redes humanas, redes de investigadores no seio da comunidade científica lusófona. É certo que ainda existem algumas fragilidades técnicas em alguns dos países lusófonos, contudo, a questão técnica é mais facilmente ultrapassável do que a questão comportamental, educacional, organizacional, enfim, as representações e os comportamentos são mais resistentes à mudança.

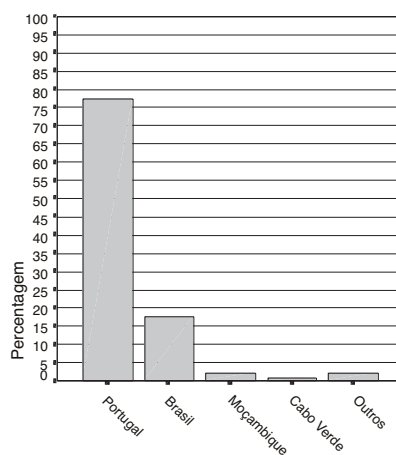
A questão que conduziu o estudo empírico, de que de seguida se apresentam os resultados, foi a de averiguar qual a representação que os investigadores da comunidade científica lusófona têm acerca das potencialidades da Internet para facilitar o conhecimento e a aproximação inter-pares e, também, saber se na prática usam os serviços em rede para esses fins.

Talvez já não existam dúvidas que os serviços em rede têm potencial para divulgar a investigação realizada e em curso, para promover a sinergia entre grupos (cooperação), para partilhar recursos (acesso), gerar uma memória colectiva (identidade) e para promover a internacionalização e reconhecimento (Silva, 2002). Contudo, se se reconhecem essas potencialidades no uso da Internet nas rotinas cognitivas e sociais das comunidades científicas, o facto é que nem sempre o uso efectivo se realiza no sentido de passar da potência ao acto. Foi sabendo desta discrepância entre potencialidade, representação e acção que se levou a cabo um pequeno estudo empírico junto dos investigadores dos vários países lusófonos.

2. Estudo empírico

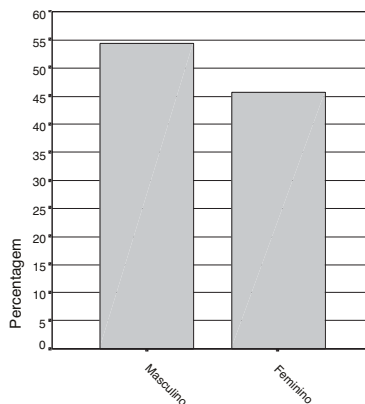
Os resultados obtidos através de um questionário que foi enviado a investigadores dos vários países da CPLP e de várias Universidades e Laboratórios de investigação não têm carácter representativo, antes carácter indicativo. Foram recebidas 143 respostas das quais 140 foram consideradas válidas.

A distribuição dos respondentes pelos países é a seguinte:



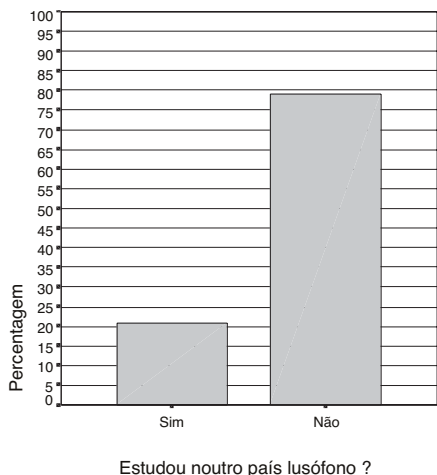
A maioria dos respondentes é, portanto, de Portugal e do Brasil. Esta situação também denota a presença na rede, ou seja, o Brasil é seguramente o país lusófono com maior presença na Internet seguido de Portugal (Palácios, *online*). Claro que esta situação advém da própria dimensão das respectivas comunidades científicas.

No tocante ao género dos respondentes verifica-se um equilíbrio maior do que o habitual, como se pode observar no gráfico abaixo.

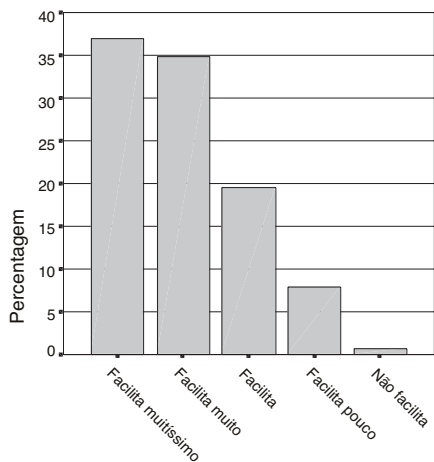


Quanto à idade dos respondentes varia entre os 25 e os 67 anos, sendo a média 42 anos.

Uma das questões de caracterização visava saber se no percurso académico os investigadores tinham estudado noutro país lusófono, os resultados mostram que menos de um quarto dos respondentes passaram por essa experiência. Sendo no essencial brasileiros e moçambicanos a estudar em Portugal.



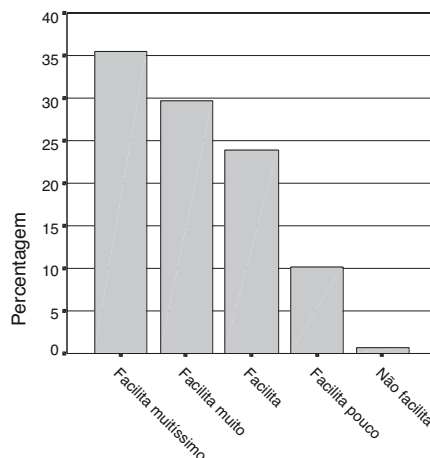
Face à questão: Considera que a Internet facilita o conhecimento acerca da investigação realizada por outros investigadores/equipas de investigação dos países de expressão portuguesa? Os resultados indiciam que uma maioria de 71,8% considera a Rede um meio facilitador do conhecimento do trabalho desenvolvido pelos pares lusófonos.



Internet e o conhecimento da investigação realizada

Se se considerar que o conhecimento mútuo é uma primeira etapa para se criar a possibilidade de vir posteriormente a interagir, digamos que esta representação favorável é um primeiro alicerce na mudança dos comportamentos de cooperação.

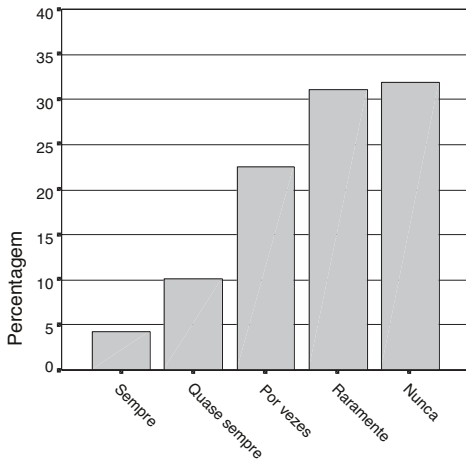
Face à questão: Considera que a Internet facilita a aproximação entre os investigadores dos países de expressão portuguesa? Os resultados, apesar de ligeiramente menos favoráveis que na resposta anterior, são bastante favoráveis com 65,2% com uma representação fortemente favorável, considerando que facilita muitíssimo (35,5%) e facilita muito (29,7%). Gráfico seguinte



A Internet e a aproximação entre os investigadores

Se a representação acerca do conhecimento dos parceiros e acerca da aproximação entre eles promovida pelo uso dos serviços Internet é bastante favorável interessa agora saber se quando os investigadores lusófonos necessitam de obter parceiros, para um projecto de investigação, costumam procurar expressamente outros investigadores dos países de expressão portuguesa, usando a Internet.

Os resultados indiciam que a acção difere bastante da representação favorável obtida nos dois quesitos anteriores. Sendo que apenas 4,3% procuram sempre parceiros lusófonos como parceiros de investigação usando a Internet, 10,1% procura quase sempre e 22,5% por vezes, toma essa iniciativa.

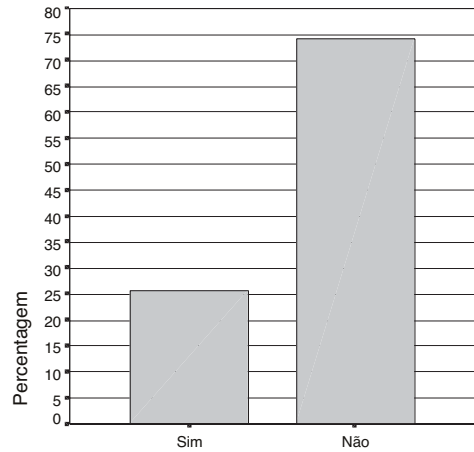


Obter parceiros para projecto de investigação

Estes resultados podem ficar a dever-se a inúmeros factores. Se se cruzarem estes resultados com os comentários que os respondentes fizeram na área de comentário aberto poder-se-á apontar como uma das razões principais a falta de cultura de cooperação, ou seja, não está enraizado na cultura dos investigadores lusófonos a procura de parceiros dentro da lusofonia. Apresentam como razão a facto de preferirem procurar como parceiros investigadores de países que estejam mais desenvolvidos na sua área de investigação, ou seja, que sejam mais centrais no sistema científico mundial e, como tal, potencialmente lhe tragam uma maior visibilidade. Não se trata de uma questão de lusofobia, mas sim de gestão da visibilidade e do reconhecimento.

Quanto à questão: Tem algum documento publicado em alguma revista *on-line* ou em algum repositório digital de informação de expressão portuguesa? Os resultados mostram, ainda, a existência de muito pouca adesão ao processo de publicação *on-line*.

Também no que diz respeito à não adesão à publicação *on-line* poderá ter múltiplas razões. Será interessante levar a cabo um estudo que vise mapear as razões desta situação. Tanto mais que existe uma dissonância identificada entre o reconhecimento da Rede como um meio eficaz de divulgar o trabalho de investigação desenvolvido e, concomitantemente, tomar conhecimento do trabalho desenvolvido pelos outros e, depois, paradoxalmente, os inves-

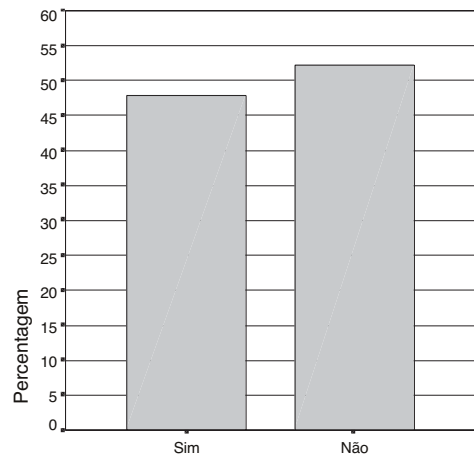


Documento publicado on-line

tigadores lusófonos publicam muito pouco na Internet.

Contudo, quando a questão incide sobre o tópico da troca de informação, de ideias, etc., ou seja, um processo de comunicação menos formal que a publicação, mais pessoal, então os resultados obtidos são mais favoráveis com quase metade dos respondentes a afirmarem usar a rede para esse fim.

A questão era: Troca regularmente informações, ideias, etc. com colegas dos países de expressão portuguesa usando a Internet?



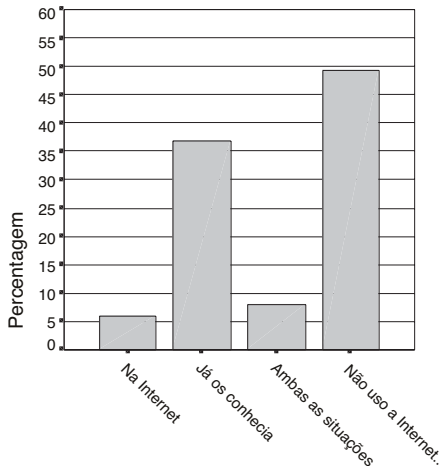
Troca regularmente informação, ideias, etc.

Quanto ao papel da rede no desencadear e manter os contactos colocou-se a seguinte questão: Conheceu-os através da Internet ou

já os conhecia anteriormente e a Internet foi apenas um meio de manter as relações previamente existentes?

Apesar de existir uma franja de 5,9% de novos contactos que não teriam existido se não se usufruísse da Internet o facto é que a rede se apresenta, preferencialmente, como um instrumento de continuidade e manutenção dos relacionamentos que surgem, essencialmente, a partir de conhecimentos estabelecidos em colóquios e conferências.

Contudo, deve ainda reflectir-se sobre as razões de quase 50% não usar os serviços de comunicação em rede como meio de desencadear e manter contactos.



Conheceu-os através da Internet ou já os conhecia

Na área de comentário aberto do questionário muitos respondentes sublinharam que, essencialmente, estabelecem novos conhecimentos nos encontros presenciais e que os serviços em rede, nomeadamente, o correio electrónico e a partilha de ficheiros, servem para manter esses contactos. Por outro lado, para os investigadores que no seu percurso académico estudaram em outra instituição, em outro país a rede serve para dar continuidade às relações enraizadas que durante esse período estabeleceram.

Quanto à teia e densidade das relações entre os membros da comunidade científica lusófona os dados indiciam que a teia é ténue e as relações são pouco densas. A maioria das relações são estabelecidas entre o Brasil e Portugal existindo áreas como os estudos

sobre questões tropicais em que a teia se alarga aos países africanos. Nesses casos, é a natureza do trabalho de investigação que é o motor do alargamento e a Internet é o instrumento facilitador. O importante seria gerar maior conhecimento entre os membros da comunidade científica lusófona, de modo a encontrarem problemas de investigação em que naturalmente, o tema fosse um estímulo à cooperação lusófona. Na área das ciências sociais essas temáticas são mais evidentes.

“Se os físicos, matemáticos, biólogos, podem cooperar no plano mundial, é porque as palavras utilizadas são pouco numerosas. Com as ciências sociais é pelas palavras que pensamos e, além disso, qualquer criação teórica está ligada à capacidade de ordenar as palavras de forma percuciente. (...) Para as ciências sociais (...) comparar é, aqui, a condição de qualquer conhecimento.” (Wolton, 2004:36)

A investigação realizada em consórcios de investigação constituídos por investigadores das diferentes comunidades lusófonas será seguramente uma investigação mais rica e mais enriquecedora, fruto da diversidade cognitiva que os diferentes enquadramentos culturais e percursos de formação trazem ao processo.

O apelo é no sentido de desenharmos os mapas cognitivos e relacionais que possam ser orientadores do desenho de novos caminhos de cooperação no âmbito da investigação mas, também, na cultura e desenvolvimento em sentido lato. Para que o apelo dê fruto são necessárias iniciativas que se contraponham à tendência excessivamente individualista e promovam a criação de redes humanas de parceiros.

No âmbito deste trabalho para a VI Lusocom procuraram-se iniciativas e projectos que já estivessem em curso. Fez-se uma selecção que se apresenta de seguida.

3. Algumas Iniciativas em Curso

Em primeiro plano deve-se sublinhar a existência de um instrumento com grande capital para potenciar a cooperação no seio

da Comunidade Científica Lusófona. Trata-se da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP)³, que na sua Constituição e Estatutos se apresenta como um organismo que tem por objectivo central promover a cooperação entre as Universidades e Instituições de Ensino e Investigação de nível superior.

Transcreve-se de seguida o Artigo 2º, pela sua relevância e capacidade de elucidação dos objectivos a promover.

“Capítulo I – Objectivos - Art.º 2.º

A Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP) visa promover a cooperação entre as Universidades e Instituições de Ensino e Investigação de nível superior que dela sejam membros.

De facto, a AULP tem para além disso, outras missões de não menor importância:

Concorrer para salvaguardar o desenvolvimento da Língua Portuguesa; Recolher e apoiar o contributo de todos os que, em Universidades de diferentes idiomas, estudam a Língua Portuguesa;

Promover projectos de investigação científica e tecnológica conjuntos nas áreas ou temas de interesse dos associados, estimulando o conhecimento da realidade e desenvolvimento de cada um dos Países;

Incrementar o intercâmbio de docentes, investigadores, estudantes e pessoal administrativo com vista à participação em acções de natureza pedagógica, científica, cultural e administrativa que se realizem em cada um dos membros da Associação;

Promover a circulação de informação científica, técnica, pedagógica e cultural, o intercâmbio de revistas e publicações científicas, bem como a edição conjunta e a divulgação de trabalhos científicos;

Estimular a elaboração de acordos bilaterais e multilaterais entre os membros da Associação em todos os domínios do seu interesse e particularmente no âmbito das equivalências de habilitações literárias e graus ci-

entíficos e académicos conferidos pelas Instituições associadas;

Fomentar a reflexão sobre o papel da Educação Superior, suas estruturas e meios de acção no mundo actual e particularmente nas sociedades em que estão inseridas;

Apoiar a criação de estruturas de ensino e de investigação que facilitem a realização dos fins da Associação.” (AULP, on-line)

A Associação das Universidades de Língua Portuguesa surge como um instrumento que, se devidamente dinamizado, poderá ser de crucial importância para a promoção da criação de redes humanas no seio da Comunidade Científica Lusófona.

Um projecto que nasceu no seio da Associação das Universidades de Língua Portuguesa é o da Universidade Virtual de Língua Portuguesa (UVLP)⁴. Trata-se de um Projecto em que, claramente, a Internet é o instrumento promotor das actividades de cooperação ao nível do ensino e da investigação.

Para além deste dois grandes instrumentos a Associação das Universidades de Língua Portuguesa e a Universidade Virtual de Língua Portuguesa destacamos de modo crítico dois projectos.

Por um lado, o Índice Interactivo da Lusofonia⁵, que pelos objectivos que se propõe atingir seria uma ferramenta muito importante. Contudo, o que encontramos é pobre do ponto de vista dos conteúdos e com pouca qualidade no que toca ao design gráfico e de interacção. Vale como ideia que seria preciso implementar com uma nova dinâmica.

Por outro lado, o PORTCOM – Portal de Ciências da Comunicação ou Rede de Informação em Ciências da Comunicação dos Países de Língua Portuguesa⁶, que se propõe “Ser referência internacional de toda a produção técnica, científica e académica em Ciências da Comunicação produzida em instituições de países de língua portuguesa”. Este projecto surpreende por conflitar com o trabalho que tem vindo a ser desenvolvido pela BOCC – Biblioteca On-line das Ciências da Comunicação nos últimos anos. Deste modo, é um exemplo da falta de sinergia que por vezes existe entre os pares da Comunida-

de Científica Lusófona e/ou a falta de heteroconhecimento. Muitas vezes, preocupamo-nos em realizar um olhar internacional sobre o que se faz numa determinada temática esquecendo muitas vezes de incluir os parceiros lusófonos nessa pesquisa.

Em síntese

Há uma discrepância entre o número de utilizadores lusófonos da Internet e a quantidade de conteúdos de língua portuguesa disponíveis na rede.

“...o crescimento do número de usuários lusófonos não implica necessariamente em crescimento da proporcionalidade de conteúdos em língua portuguesa, pois está ocorrendo um descompasso entre os percentuais de usuários e os percentuais totais de conteúdos lusófonos na rede. Fazem-se necessárias, portanto, ações programáticas no sentido de incrementar os conteúdos lusófonos.” (Palácios, online)

Há uma dissonância entre a representação favorável dos investigadores lusófonos quanto ao papel que a Internet desempenha ao nível da promoção do interconhecimento dos investigadores e das comunidades e da aproximação entre eles e o uso efectivo dos serviços em rede na busca de uma cooperação científica efectiva.

As iniciativas a promover serão tanto mais eficazes quanto mais integradoras no sentido de articularem o maior número possível de membros da comunidade científica lusófona.

Um passo crucial no incremento da aproximação dos investigadores da comunidade científica lusófona é a promoção do interconhecimento. Conhecemo-nos mal e o conhecimento mútuo é a base para cooperarmos. Os resultados indicam que a presença física é um elemento eficaz na promoção do conhecimento, como tal a realização de congressos do tipo *A Comunidade Científica Lusófona em Questão* e congressos sectoriais, por áreas científicas, serão seguramente fóruns de debate e de encontro que deixam sementes, que a comunicação em rede se encarrega de facilitar criando a possibilidade

de germinarem cooperações duradouras no tempo e férteis. Mas, o conhecimento mútuo faz-se também através da disponibilização de informação na Internet, quer ao nível das publicações quer de informação sobre projectos em curso, entre outra informação. Os resultados indicam que, também aqui, muito há a fazer – publicamos/publicitamos pouco na Internet – é necessários compreender porquê para atacar as causas.

Nesta lógica da promoção do conhecimento e, também, da divulgação internacional do trabalho desenvolvido é fundamental o desenvolvimento de bases de dados comuns, unificadoras dos arquivos dos diversos países.

Boaventura de Sousa Santos em entrevista no âmbito do seminário *Cultura e Desenvolvimento da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa*⁷ reforça a ideia de se gerarem arquivos electrónicos comuns e livrarias e propõe:

“Temos ainda de criar um centro transdisciplinar de pesquisa, onde investigadores e agentes artísticos possam encontrar um espaço de interconhecimento. Deveríamos também criar uma agência de notícias e emissoras de TV da comunidade. Este conjunto de iniciativas poderia ser chamado de Fórum da Diversidade. Algumas agências internacionais, como a Unesco, estão interessadas em fomentar este espaço, que seria uma alternativa ao espaço anglo-saxónico. Ou seja, uma tentativa de preservar a diversidade cultural do mundo do domínio da cultura anglo-saxã.” (Santos, 2004).

Unir respeitando é o lema, usando a Internet como ferramenta facilitadora do processo.

SIGLAS

ACSEL – Associação dos Cientistas Sociais do Espaço Lusófono (criada em 22 de Novembro de 1994).

AULP – Associação das Universidades de Língua Portuguesa (http://www.aulp.org/proj_uvlp.html)

BOCC – Biblioteca On-line de Ciências de Comunicação (<http://www.bocc.ubi.pt/>)

CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (criada em 17 de Julho de 1996) (8 países, 4 continentes) (<http://www.cplp.org>)

PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.

PORTCOM – Rede de Informação em Ciências da Comunicação dos Países de Língua Portuguesa
(<http://www.portcom.intercom.org.br/>)

SALP – Sociedade Africanológica de Língua Portuguesa (criada em 18 de Junho de 1991).

UCCLA – União das Cidades Capitais Luso-Afro-Américo-Asiáticas ou União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (<http://www.uccla.pt>)

UVLP – Universidade Virtual de Língua Portuguesa
(http://www.aulp.org/univ_virtual.htm)

Bibliografia

Areia, Manuel Laranjeira R., “O Lusotropicalismo Revisitado: a miscigenação em “Casa Grande e Senzala”, in: Neves, F.S. (org.), *A Globalização Societal Contemporânea e o Espaço Lusófono: Mitideologias, Realidades e Potencialidades*, Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, 2000, p.55-64.

Margarido, Alfredo, *A Lusofonia e os Lusófonos: Novos Mitos Portugueses*, Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, 2000.

Mourão, Fernando A. A. (2000), “A Comunidade de Países de Língua Portuguesa: a base linguística e a base material”, in:

Neves, F.S. (org.), *A Globalização Societal Contemporânea e o Espaço Lusófono: Mitideologias, Realidades e Potencialidades*, Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, 2000, p.95-107.

Neves, Fernando Santos (Org.), *A Globalização Societal Contemporânea e o Espaço Lusófono – Mitideologias, Realidades e Potencialidades*, Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, 2000.

Oliveira, J.F. Santos, “A Educação, a Cultura e a Informação, como a nova ‘Riqueza das Nações’ do(s) Espaço(s) Lusófono(s)”, in: **Neves**, F.S. (org.), *A Globalização Societal Contemporânea e o Espaço Lusófono: Mitideologias, Realidades e Potencialidades*, Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, 2000, p.109-119.

Palácios, Marcos, “Por mares doravante navegados: panorama e perspectivas da presença lusófona na Internet”, in: www.bocc.ubi.pt.

Santos, António de Almeida, *Paixão Lusófona*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2001.

Santos, Boaventura de Sousa (entrevista), “Um otimista trágico”, 2004, in: www.cplp.org.

Silva, Lúcia Oliveira, “A Comunidade Científica na Era da Sociedade em Rede: a geração de uma aldeia global da investigação?”, IV Lusocom – Congresso Lusófono das Ciências da Comunicação, S. Vicente, S. Paulo, Brasil, 18-21 Abril, 2000.

Silva, Lúcia Oliveira, “Implicações da Internet nas rotinas cognitivas e sociais da comunidade científica”, in: *Actas do Congresso Internacional de Comunicação De Gutenberg ao Terceiro Milénio*, Lisboa, Universidade

Autónoma de Lisboa, 2001, p.331-346.

Silva, Lúcia Oliveira, “A comunidade científica nas malhas da rede – que percepção?”, in: *Revista Comunicação e Linguagens*, Junho 2002, Número Extra, *Actas do Congresso ICNC: International Conference on Network Culture*, Universidade Nova de Lisboa, Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens.

Silva, Lúcia Oliveira, *Implicações Cognitivas e Sociais da Globalização das Redes e Serviços Telemáticos – estudo das implicações da comunicação reticular na dinâmica cognitiva e social da Comunidade Científica Portuguesa*, Tese de Doutoramento: Universidade de Aveiro, 2002. (disponível online em: www.bocc.ubi.pt)

Vitorino, Benalva da Silva, “Lusofonia: proposta para a reinvenção de uma comunidade”, in: *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*, Ano 1, nº1, Abril de 2003, 11-23.

Wolton, Dominique, *A Outra Globalização*, Lisboa, Difel, 2004.

¹ Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro.

² (Bras.) filho de branco e de crioula; mestiço especial. (Do ár. mamluk, «escravo»).

³ Associação das Universidades de Língua Portuguesa: <http://www.aulp.org>.

⁴ http://www.aulp.org/proj_uvlp.html.

⁵ “Os objectivos do projecto Índice Interactivo da Lusofonia são os seguintes: Mostrar de que maneira os países da Lusofonia, através das suas comunidades estão activos e actuantes na World Wide Web (Internet); Sensibilizar a comunidade científica para a importância da publicação dos seus projectos na WWW; Avaliar de que modo as Tecnologias de Informação são encaradas e utilizadas pelos Estados e diferentes organizações não-governamentais, propiciando a mudança para a partilha; Identificar os Projectos inter-lusófonos que recorrem às Novas Tecnologias da Informação; Quantificar os projectos por áreas de saber, e nomeadamente os ligados à Educação e Ciência, Literatura, Linguística, História, Arte e Cultura; Inferir de que modo as novas tecnologias de informação e os projectos inter-lusófonos contribuem para um melhor conhecimento mútuo entre os povos de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e Timor LoroSae.” Informação disponível em: [http://www.terravista.pt/PortoSanto/1999/intro.htm/cimo%20da%20pagina\(2004-04-13\)](http://www.terravista.pt/PortoSanto/1999/intro.htm/cimo%20da%20pagina(2004-04-13))

⁶ Informação disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/>.

⁷ Seminário que decorreu em Salvador da Bahia em Março de 2004.